

A Geração do Mobilismo Mediado¹

Alan César Belo ANGELUCI²

Marco Antonio NOGUEIRA³

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

Resumo

A literatura indica uma profusão de termos e conceitos, muitos deles *buzzwords*, que buscam identificar e caracterizar a geração dos indivíduos na atualidade. Sejam eles os nativos digitais (PRENSKY, 2001), pertencentes à geração Net (TAPSCOTT, 2008), *millennials* (HOWE & STRAUSS, 2000), *prosumers* (TOFLER, 1980), *thumb tribes* ou até mesmo onívoros digitais (CANAVILHAS, 2013), o fato é que esses indivíduos tem construído suas identidades e suas interações sociais no bojo de uma cultura digital híbrida, conectada e móvel. Este artigo busca refletir sobre essa geração a partir da ideia do mobilismo mediado de Hartmann (2013), enfatizando o protagonismo da conectividade e da mobilidade nos processos de mediação e domesticação da vida contemporânea.

Palavras-chave: mobilismo mediado; conectividade; mobilidade; mediação; domesticação.

Introdução

É fato que o indivíduo da atualidade experienciou uma gama de transformações socio-tecnológicas que o colocou em um profundo processo de ressignificação da sua identidade, das suas interações sociais, morais, conceitos, formas de consumir, produzir, trabalhar e se relacionar com o mundo. No entanto, boa parte das nomenclaturas utilizadas parecem carecer de uma maior ênfase nos elementos que são chaves para a compreensão do humano atual.

Neste trabalho, busca-se o suporte de autores que versam sobre as tecnologias pensando o indivíduo imerso, sobretudo, na conectividade e na mobilidade contemporânea. O objetivo é situar o homem de hoje dentro da ideia trabalhada por Hartmann (2013) e que discute o interagir e o fazer do hoje mediado por tecnologias *on-the-move*: o mobilismo

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS. E-mail: aangeluci@uscs.edu.br

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS. E-mail: marco.nogueira@live.com.

mediado. O argumento que aqui se discute é que a característica mais proeminente da atual geração é o uso e apropriação de mídias móveis para a maior parte das atividades que envolvem o cotidiano. Para essa discussão, são recuperadas discussões sobre mediação e domesticação, bem como questões intrínsecas às práticas culturais e interações sociais que precisam ser observadas diante do fenômeno das mídias móveis e sociais, das múltiplas telas e da banda larga móvel.

O “lugar comum” macluhaniano do determinismo tecnológico

Muito do que se discute hoje sobre tecnologia no campo da comunicação é revérbero dos tratados de Marshall McLuhan. Autor ícone da contracultura dos anos 60 do século passado, foi considerado por muitos o profeta da era eletrônica. De fato, seu olhar holístico com foco na dinâmica da experiência da comunicação humana tem aquecido o debate sobre tecnologia desde a geração dos *beatniks* até os *cybernerds* do contemporâneo.

Ao versar sobre a tese de que o homem vê a tecnologia como uma extensão de seu próprio corpo, McLuhan (1974), na verdade, exprime um *zeitgeist* já recorrente na literatura e no cinema de sua época, como aponta Angeluci (2013):

“Deste ponto de vista, em 1839, o escritor Edgar Allan Poe já tinha descrito um homem com próteses mecânicas em seu livro *“The man that was used up”*. A referência aos objetos assumindo partes de funções do corpo continuou cem anos depois, com os filmes de ficção científica dos anos 50, 60 e 70 também explorando esse tipo de roteiro com muito sucesso. No *“The Six Million Dollar Man”*, uma série de TV norte-americana dos anos 70, o capitão Steve Austin tinha braços, pernas e olhos substituídos por implantes biônicos em uma cirurgia experimental. Com esse *“upgrade”*, ele se tornou um homem não usual com uma resistência de corpo impressionante. Nos anos 80, uma animação televisiva conhecida como *“Inspector Gadget”* pode ser considerada um outro bom exemplo. Seu principal personagem, Inspector Bugiganga, era um detetive ciborgue desajeitado com diversos instrumentos e ferramentas acopladas em seu corpo humano. Com eles, foi capaz de resolver os mistérios durante suas missões”. (ANGELUCI, 2013, p. 77. Tradução nossa)

Tecnicista, o olhar de McLuhan coloca na tecnologia a responsabilidade de equilibrar o homem moderno que, sujeito às pressões e tensões cotidianas, busca o desenvolvimento de extensões do corpo para se adaptar e amenizar a irritabilidade advinda dos novos conflitos. Ele destaca, ao refletir sobre o mito de Narciso, que “o que importa neste mito é o fato de que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja deles próprios” (MCLUHAN, 1974, p. 59).

Esse prólogo McLuhaniano tem duas importantes funções: reservar ao autor seu lugar no campo da comunicação mas, ao mesmo tempo, situá-lo como “lugar comum” nas reflexões sobre as mídias. Não há espaço para um determinismo tecnológico que coloca o contemporâneo numa relação pragmática, dicotômica e binária. Para se refletir o lugar da tecnologia na vida dos indivíduos, é importante um olhar mais complexo, contextualizado, que considere os elementos sociais e as dinâmicas das redes. Basta observar as diversas variáveis envolvidas no campo da produção e recepção de conteúdos digitais nas mídias sociais, por exemplo.

Conectividade e mobilidade como paradigmas do contemporâneo

Um primeiro diagnóstico dessa complexidade vem da tentativa da literatura em situar a geração dos indivíduos contemporâneos. Nesse “estilo de vida digital”, os nativos digitais (PRENSKY, 2001), a geração Net (TAPSCOTT, 2008), *millennials* (HOWE & STRAUSS, 2000) ou até mesmo onívoros digitais (CANAVILHAS, 2013) são só algumas das formas mais recorrentes de tentar classificá-los e caracterizá-los. Contudo, essas tentativas de definir e caracterizar a pessoa imersa no contexto digital são enviesadas, ora por um determinismo etário e temporal, ora por uma visão muito tecnológica ou regional.

Talvez um primeiro caminho seja dar alguns passos atrás e buscar entender dois paradigmas que estão no plano de fundo e que pautam essa geração: a conectividade e a mobilidade. O efetivo rompimento das barreiras de tempo e espaço, ao menos virtualmente, tem pouco mais de vinte anos de história e foi desencadeado por dois grandes movimentos. Um primeiro, entre o fim dos anos 90 e início dos anos 2000, com a popularização da Internet fixa e acesso aos computadores pessoais em escala mundial; e um segundo, a partir de 2010, com o *boom* dos dispositivos móveis e da banda larga móvel, também globalmente. Esse processo tem transformado as rotinas de interação pessoal, trabalho e entretenimento, evidenciando a ideia do *prosumers* (TOFLER, 1980), das redes horizontais e da economia criativa e compartilhada. Mas de que forma o tempo e o espaço contemporâneo obtêm a liquidez baumaniana de que tanto se fala?

Talvez seja através das mídias móveis, que ganham protagonismo nesta reflexão por representarem uma superação, ao menos virtual, das limitações do espaço geográfico e das pressões do tempo. Como definiu Morley (2007):

“Talvez se possa dizer que o telefone móvel é, entre outras coisas, um aparelho para lidar com as nossas ansiedades sobre os problemas de distância criados pelos nossos novos estilos de vida e com a ‘desconectividade’ que essa distância geográfica simboliza para nós” (MORLEY, 2007, p. 223).

Santaella (2008) também situa a mídia móvel a partir da ideia de superação do geográfico e da possibilidade de armazenamento e recuperação das informações:

“São dispositivos que permitem que as pessoas localizem-se a si mesmas e a outros no espaço geográfico e que conectem informação a posições geográficas. Cada vez mais, essas tecnologias da mobilidade, sensíveis aos locais, podem acessar a internet, permitindo que a informação seja armazenada e recuperada a partir de bases de dados remotos.” (SANTAELLA, 2008, p.22)

Keightley e Reading (2014) pontuam também que as ações realizadas pelas mídias móveis situam-se em um tempo real sem limitação de espaço, sendo possível, por exemplo, visitar museus, conversar com amigos distantes, acessar redes sociais, acessar informações de bibliotecas de qualquer lugar do mundo, assistir filmes ou vídeos armazenados em qualquer lugar do ciberespaço.

“As tecnologias móveis e mobilidade significam que a nossa mediação na comunicação e a participação são feitos em tempo real e são cada vez menos definidas por local fixo ou determinado limites espaciais. De acesso global aos museus virtuais para as características geoposicionamento de sites de redes sociais, mobilidade espacial torna-se uma característica definidora da experiência na mediação.” (KEIGHTLEY e READING, 2014, p. 287)

Pode-se observar que a conectividade e a mobilidade estão presentes na composição do discurso desses e tantos outros autores, cujo argumento se sustenta na ideia de que as mídias móveis acabam por aproximar as pessoas. Essa visão se contrapõe à perspectiva de Katz e Aakhus (2004), no entanto. Para eles, os indivíduos são “presentes ausentes”, isolados e individualizados ao serem absorvidos pela mídia móvel, porém próximos pelo “contato perpétuo” que a experiência de conectividade e mobilidade imprimem em suas vidas. Esse mesmo raciocínio é compartilhado por Turkle (2011) ao observar as novas gerações:

“Os adolescentes de hoje não tem menos necessidades que os das gerações anteriores para aprender necessidades empáticas, pensar sobre seus valores e necessidades e administrar e expressar seus sentimentos. Eles precisam de tempo para descobrir a si mesmos, tempo para pensar. Mas a tecnologia, colocada a serviço da comunicação sempre ativa e da brevidade e velocidade telegráfica, tem mudado as regras do engajamento com tudo isso”. (TURKLE, 2011. Tradução nossa).

Domesticação e mediação: uma reflexão necessária

A complexidade em se entender as variáveis que se sobrepõem à compreensão desse ambiente híbrido em que as mídias móveis se inserem pode encontrar aportes teóricos frutíferos no campo da domesticação. Hjorth (2009) indica que estudos sobre domesticação das tecnologias fornecem, indubitavelmente, abordagens de sucesso ao se analisar a cultura dos telefones móveis. Hartmann (2013) pontua que a maior força da abordagem da domesticação para entender as mídias móveis está no fato de que ela se concentra na criação de significado em torno das tecnologias ao combinar o material com o simbólico.

Nos termos de Lopes (2007, p. 1436), “a domesticação é exercida sobre objetos técnicos que, reciprocamente, moldam comportamentos sociais”. Há, inescapavelmente, uma tensão evidente entre os indivíduos e as tecnologias nessas correntes. Essa tensão é traduzida por Berker et al (2006) como o “selvagem” e “estranho” que, de repente, passam a fazer parte da vida do indivíduo. Esse processo demanda adaptação e aceitação, comparando-o com a domesticação de um animal selvagem:

“Estas tecnologias "estranhas" e "selvagens" tem que ser "domesticadas"; elas têm de ser integradas nas estruturas, rotinas diárias e valores de usuários e seus ambientes.” (BERKER et al, 2006 p. 130)

Na mesma linha, Silverstone e Haddon (2014) mencionam que não é simples o aprendizado de uma inovação:

“Ao fazê-lo, a intenção não é que devemos simplesmente dar uma perspectiva 'do usuário' na inovação, como se isso fosse uma varinha mágica que iria resolver todos os problemas de determinação e indeterminação no processo de inovação” (SILVERSTONE e HADDON, 2014, p. 2)

De fato, há uma importante relação entre o aparato e seu capital social e cultural, no sentido bourdieusiano, bem como o uso e a apropriação de determinada tecnologia em um processo de mediação. Observa-se, por exemplo, nos escritos de Gómez (2006), que a questão tecnológica ganha contornos simbólicos ao exemplificar essas mudanças na relação entre o professor e aluno:

“Antes, o livro que o professor trabalhava na sala de aula tinha a ‘última palavra’. Agora, a última imagem está na tela e a última palavra quem tem são os sujeitos-audiência e seus olhos: ‘Se vejo na tela, acredito, é verídico; se não vejo, posso duvidar e desconfiar’. (...) O processo de aprendizagem, próprio do paradigma que possibilita a tecnologia informacional, ocorre por descobrimento (exploração), não por imitação (reprodução), como foi o caso predominante até agora em muitas culturas e na própria educação escolar” (GÓMEZ, 2006, p. 96).

A visão “sociotécnica” de Gómez implica que o pensamento sobre o impacto das novas tecnologias deve ser problematizado dentro de um contexto social específico. Silverstone (2002), também pontua que a perspectiva dialética e menos linear da mediação fornece subsídios para entender como as mídias se envolvem na circulação de símbolos na vida social.

Debruçados nos estudos sobre as interações sociais mediadas pelas mídias móveis, Katz e Aakhus (2004) apontam quatro grandes desafios que os indivíduos contemporâneos enfrentam, visto que paradigmas historicamente construídos são rompidos ou, ao menos, relativizados diante das novas dinâmicas. Seriam eles: (1) as ligações perigosas, (2) as relações horizontais, (3) o homem sem qualidade e (4) o novo mundo flutuante.

Para os autores, a primeira característica das novas gerações é a individualidade em detrimento dos laços primários e das relações face-a-face: “amizade, intimidade, família e os vizinhos deixam de ser as principais fontes de significado, e tornam-se os objetos de deliberação de mais um domínio da realidade”. (KATZ e AAKHUS, 2004, p. 232. Tradução nossa). O segundo aspecto é a perda de intimidade e profundidade nas relações por conta da horizontalidade que a Internet trouxe à vida cotidiana: as pessoas fazem mais amigos nas mídias sociais, mas isso não significa que a relação vá além de “curtir” postagens ou mensagens de parabéns no dia de aniversário. O terceiro ponto abordado pelos autores tange à perda de qualidade ou de censura no trânsito de informações, muitas vezes promovendo “o idiota da aldeia a portador da verdade”, segundo as contundentes palavras Umberto Eco⁴. O quarto e último aspecto tem relação com a superação de determinados usos e costumes, cujo “surgimento de um mundo de significados irá acabar com o jeito pragmático da vida cotidiana.” (KATZ e AAKHUS, 2004, p. 234. Tradução nossa). A partir deste ponto, parece inescapável não pensar na ideia do mobilismo mediado como um paradigma central da geração contemporânea.

⁴ “Redes sociais deram voz à legião de imbecis”. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm>. Acesso em 11/07/2015.

A tese do mobilismo mediado

Talvez com exceção à ideia dos onívoros digitais, que parte da ideia de comunicação ubíqua e das redes móveis, o que se identifica como elemento comum às diversas e variadas definições das novas gerações é o fato de não alcançarem satisfatoriamente a noção do impacto da mobilidade. Ao se considerar os conceitos mais recorrentes – nativos digitais (PRENSKY, 2001), a geração Net (TAPSCOTT, 2008), *millennials* (HOWE & STRAUSS, 2000) – observa-se que há uma noção de “estilo de vida digital” pré-*boom* dos dispositivos móveis, por mais que, ao longo da década de 2000, se vislumbrasse um cotidiano cada vez mais mediado por tecnologias miniaturizadas e portáteis. Além disso, um importante incômodo nesses conceitos é a ênfase demasiada na faixa etária como definidora de um parâmetro geracional, uma generalização perigosa que coloca o indivíduo mais velho aquém das capacidades dos jovens de hoje. Uma breve pesquisa na literatura pode indicar estudos empíricos que demonstrem, ao contrário do que diz o senso comum, importantes dificuldades de jovens e crianças com as tecnologias e grandes vantagens de pessoas nascidas em décadas anteriores, guardados os devidos contextos e recortes.

Um outro aspecto crítico à essas definições advém do olhar dos pesquisadores, muitos pautados na percepção enviesada de uma cultura norte-americana, asiática e/ou europeia, pouco se observando as nuances e os impactos diferenciais que tem as tecnologias na América Latina e Caribe e no continente Africano. Nos últimos anos, o número de venda de dispositivos móveis superou o de computadores pessoais em todo mundo⁵ e profundas transformações, bastante específicas e contextualizadas, podem também ser observadas nessas regiões.

A tese do mobilismo mediado de Hartmann (2013) parece dar uma sustentação apropriada às reflexões sobre o perfil dessa nova geração. Para a autora, é preciso inserir a ideia de mobilidade e intensificar a ligação entre o ambiente micro e macro. O indivíduo dessa nova geração deve ser observado e caracterizado em um contexto em que real e imaginário estabelecem, também, um intercâmbio com as *affordances* das mídias móveis: “eles estão claramente ligados a estilos de vida emergentes e outras mudanças. As mídias móveis desempenham uma parte nessas mudanças” (HARTMANN, 2013, p. 46).

Um dos pontos a serem observados é o conjunto de múltiplas atividades realizadas

⁵ “Smartphones superam computadores em venda no mundo”. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/smartphones-superam-computadores-em-vendas-no-mundo,9c0833983a35b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 12/07/2015.

durante o deslocamento ou movimento desta mídia. Desta forma, para além do aspecto tecnológico, o mobilismo mediado se refere, fundamentalmente, a sua associação aos fatores socio-geográficos, “em que a mobilidade infere à transcendência, particularmente em torno das restrições geográficas” (HJORTH, 2009, p. 60). É também na mobilidade que se consolidam as ideias de simultaneidade e dinâmica como combinação de possibilidade e realidade, tanto social quanto tecnológica.

Por fim, um dos pontos mais instigantes das reflexões de Hartmann (2013) é sua perspectiva sobre o “lar”. Qual a percepção de lar dos indivíduos contemporâneos, se suas materialidades se manifestam agora através dos arquivos em nuvens e não mais nas mídias físicas ou tangíveis?

“Um dos aspectos que deve ser definitivamente incluído neste conceito no futuro é a questão do lar e da ideia do lar (no sentido de um apego emocional). Que tipo de materialidades emergem em relação à uma noção possivelmente mais fluida de lar? E qual papel a mídia – especialmente a móvel – desempenha nisso? Deve haver uma mobilização necessária para criar esse lar? Quais amplas mudanças sociais estão envolvidas? (HARTMANN, 2013, p. 47. Tradução nossa.)

Caracterizar os indivíduos de hoje como parte de uma geração do mobilismo mediado pode parecer adequado. Seu cotidiano fortemente mediado pelas mídias móveis permite inferir uma maior influência dos fatores advindos de um deslocamento geográfico. Esse deslocamento interfere nas suas interações sociais (observe o fenômeno do *phubbing*, por exemplo), suas participações culturais e políticas (como em movimentos de manifestação política), nas dinâmicas de trabalho (como nas discussões sobre *cyberloafing*) e nas suas relações com a memória (*digital black hole*) e privacidade (*surveillance*). Cada um desses pontos, no entanto, merecem uma discussão de maior fôlego à luz da ideia do mobilismo mediado em trabalhos futuros.

Considerações Finais

Esse texto teve como objetivo alertar para as questões da conectividade e da mobilidade quando das reflexões sobre as gerações contemporâneas. Observa-se que a literatura, por vezes, destaca ora a visão tecnicista, ora regionalista, ora etária na definição destes grupos. A ideia do mobilismo mediado busca melhor situar as reflexões sobre os impactos das tecnologias no cotidiano das pessoas que, num intervalo muito reduzido de tempo, viram-se submetidas à diversos conflitos e novas dinâmicas advindas da mobilidade.

Por esse motivo, partiu-se das discussões sobre mediação e domesticação, que apresentam importantes referências em direção aos estudos desenvolvidos por Hartmann.

REFERÊNCIAS

Angeluci, A. C. B. **From ‘Gads’ to ‘Apps’: the key challenges of post-web internet era.** Revista Geminis. V. 1, n° 02, 2013.

Berker, T., Hartmann, M., Punie, Y., Ward K. **Domestication of Media and Technology.** New York, McGraw-Hill, 2006.

Canavilhas, J. Jornalismo móvel e Realidade Aumentada: o contexto na palma da mão. *Verso e Reverso*, XXVII (64):2-8, janeiro-abril 2013. DOI: 10.4013/ver.2013.27.64.01 - ISSN 1806-6925. Disponível em <http://www.labcom.ubi.pt/publicacoes/201304282129-realidadeaumentada.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2015.

Gómez, G., O. **Comunicação Social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos.** In: MORAES, Dênis. Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, p. 81-98, 2006.

Hartmann, M. **From Domestication to mediated mobilism.** Mobile Media & Communication, 2013. 1(1) 42–49. DOI: 10.1177/2050157912464487.

Howe, N. & Strauss, W. **Millenials rising: the next great generation.** Vintage, 2000.

Hjorth, L. **Mobile media in the Asia-Pacific: Gender and the art of being mobile.** London, UK: Routledge, 2009.

Katz J. E., Aakhus M. **Perpectual Contact Mobile Communication, Private Talk, Public Performance,** Cambridge, United Kingdom, Cambridge University Press, 2004.

Keightley E.; Reading A. **Mediated Mobilities.** Media, Culture & Society. Vol. 36(3) 285–301, 2014.

Lopes, A. S. **Comunicação e Cidadania** - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho) - ISBN 978-989-95500-1-8

McLuhan, M. **Os meios de comunicação: como extensões do homem.** Editora Cultrix, 1974.

Morley, D. **Media, Modernity and Technology – The geography of the new.** London: Routledge, 2007.

Prensky M. **Nativos Digitais Imigrantes Digitais.** On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro, 2001.

Santaella L. **A ecologia pluralista das mídias locativas.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, n° 37, dezembro de 2008.

Silverstone R.; Haddon L. **Design and the Domestication of Information and Communication Technologies: Technical Change and Everyday Life,** 2014. Disponível em <http://www.researchgate.net/publication/239065099>. Acesso em 28 de junho de 2015

Silverstone, R. **Complicity and Collusion in the Mediation of Everyday Life.** *New Literary History* 33(5): 745–64, 2002.

Tapscott, D. **Grown up digital: how the net generation is changing your world.** McGraw-Hill, 2008.

Tofler, A. **The third wave.** New York, Bantam Books, 1980.

Turkle, S. **Alone Together: why we expect more from technology and less from each other.** New York, Basic Books, 2011.